



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS SOBRAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA E POLÍTICAS
PÚBLICAS - PPGPPP

VANESSA CUNHA SANTIAGO

**A ESCOLARIZAÇÃO DE PESSOAS TRANS E TRAVESTIS EM SOBRAL-CE:
UMA ANÁLISE DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA**

SOBRAL

2022

VANESSA CUNHA SANTIAGO

A ESCOLARIZAÇÃO DE PESSOAS TRANS E TRAVESTIS EM SOBRAL-CE:
UMA ANÁLISE DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Políticas Públicas, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre.
Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Borges Leão Martins.

SOBRAL

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S226e Santiago, Vanessa.

A escolarização de pessoas trans e travestis em Sobral-CE: uma análise dos relatos de experiência / Vanessa Santiago. – 2022.

50 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Programa de Pós-Graduação Profissional em Psicologia e Políticas Públicas, Sobral, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Ana Carolina Borges Leão Martins.

1. escolarização. 2. transexualidade. 3. travestilidade. 4. sexualidade. I. Título.

CDD 302.5

VANESSA CUNHA SANTIAGO

A ESCOLARIZAÇÃO DE PESSOAS TRANS E TRAVESTIS EM SOBRAL-CE:
UMA ANÁLISE DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará, *campus* Sobral, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia e Políticas Públicas. Área de concentração: Psicologia.

Aprovada em:.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ana Carolina Borges Leão Martins (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Juliana Vieira Sampaio

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Mariana Mollica da Costa Ribeiro Araújo

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha orientadora, a professora Dra. Ana Carolina Leão, que muitíssimo me ensinou neste percurso, inclusive a como pesquisar a partir do meu desejo, se abrindo a todas as possibilidades. Professoras como a Carol fazem a travessia pela pesquisa acadêmica ser mais leve, mais prazerosa, mais especial. Muito obrigada por tudo!

Agradeço a extensão Travessias, que com suas discussões nos grupos de estudo e orientação me ajudaram a organizar a ideia desta pesquisa, novamente sob orientação da querida prof. Dra. Carol. Obrigada pelo acolhimento!

Agradeço ao Movimento Trans e Travesti de Sobral-CE, especialmente na pessoa da presidenta Pamella Nara Araújo, pela parceria ao longo da pesquisa de campo. Agradeço muito por terem acreditado na proposta, por terem mobilizado o Movimento, por terem me auxiliado nas decisões que melhor cabiam neste fazer. Espero e anseio pela permanência dessa parceria!

Agradeço ao Chiquinho Silva, amigo querido que encontrei no fazer desta pesquisa e que muito me auxiliou neste processo. Pessoa sensível, dedicada aos direitos humanos em todas as suas esferas. Sou uma grande admiradora de seu trabalho.

Agradeço ao Rai, amigo de graduação, que me acompanhou em algumas oficinas, me iluminando com seu olhar crítico, sábio, analítico. Obrigada pela companhia e pelas conversas, Rai!

Agradeço enormemente a cada uma das pessoas trans e travestis que confiaram na proposta deste trabalho a ponto de relatarem partes dolorosas de suas vidas. Muito obrigada pela confiança. Espero que os frutos desta pesquisa estejam à sua altura. Foi um prazer enorme estar com cada um(a) de vocês!

Agradeço aos meus amigos por toda a força desde o início! Thay, Samuel, Brunoca, Tarci, Rochanna, Giu, Kel, Alana: amo vocês!

À família que construí em Sobral, meu amor Henrique Riedel e nossa filha Didica, toda a gratidão do meu coração. Obrigada por sempre, sempre, sempre estarem ao meu lado.

A meus pais e irmãos, Bené, Santiago, Davi, Daniel e Artur, obrigada por tudo!

Love heals.
(bell hooks, 2021)

RESUMO

A pesquisa aqui desenvolvida se propôs a colocar em pauta a escolarização de pessoas trans em Sobral-CE. A ideia desta pesquisa surgiu gradativamente e se estruturou a partir do grupo de estudos Travessias, organizado pelos extensionistas do Laboratório de Práticas e Pesquisas em Psicologia e Educação (LAPPSIE) da Universidade Federal do Ceará, campus Sobral. O problema de pesquisa que aqui se estabelece vem da intersecção entre população LGBT – mais especificamente a população trans e travesti – e a educação em Sobral. Para além de discutir dados quantitativos sobre essa população dentro e fora da escola, a proposta é tratar da vivência dessas pessoas na escolarização sobralense. Para tanto, partimos da seguinte pergunta: como se dá a experiência de escolaridade de pessoas trans e travestis na educação sobralense? Para alcançar os objetivos pretendidos nesta pesquisa, que é de caráter qualitativo, realizamos oficinas na Estação da Juventude do bairro Sumaré, em Sobral. Para a interpretação dos dados coletados, utilizamos a ferramenta Análise de Conteúdo, que nos permitiu elencar três categorias de análise: “a dimensão da diferença e do reconhecimento”; “nos muros da escola” e “para além dos muros da escola”. Cada uma dessas categorias condensa tópicos tratados nas oficinas realizadas, das relações institucionais às pessoais, da relação com o ambiente escolar e seu entorno, das reações às violências sofridas. Como aporte teórico para a elaboração dos resultados da pesquisa, contamos com Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, bell hooks, Djamila Ribeiro, Inés Dussel, entre outros. Como produto técnico das oficinas, produzimos em coautoria com as/os/es participantes um material chamado Zine Trans-formador, que aponta algumas formas de lidar com a transfobia no ambiente escolar.

Palavras-chave: escolaridade; transexualidade; travestilidade; sexualidade.

ABSTRACT

The present research aims to put on evidence the schooling of trans people in Sobral-CE. The idea for this research emerged gradually and was structured from the Travessias study group, organized by extension students from the Laboratory of Practices and Research in Psychology and Education (LAPPSIE) at the Federal University of Ceará, Sobral campus. The research problem established here comes from the intersection between the LGBT population – more specifically the trans and travesti population – and education in Sobral. In addition to discussing quantitative data on this population inside and outside school, the proposal is to deal with the experience of these people in Sobral schooling. To do so, we start with the following question: how is the schooling experience of trans and travestis in Sobral education? In order to achieve the intended objectives of this research, which is of a qualitative nature, we held workshops at the Estação da Juventude in Sumaré, Sobral. For the interpretation of the collected data, we used the Content Analysis tool, which allowed us to list three categories of analysis: “the dimension of difference and recognition”; “in the walls of the school” and “beyond the walls of the school”. Each of these categories condenses topics addressed in the workshops, from institutional to personal relationships, the relationship with the school environment and its surroundings, reactions to the violence suffered. As a theoretical support for the elaboration of the research results, we have Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, bell hooks, Djamila Ribeiro, Inés Dussel, among others. As a technical product of the workshops, we produced, in co-authorship with the participants, a material called Zine Trans-formador, which points out some ways of dealing with transphobia in the school environment.

Keywords: schooling; transsexuality; travestilidade; sexuality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA	14
3. A DIMENSÃO DA DIFERENÇA E DO RECONHECIMENTO.....	25
4. NOS MUROS DA ESCOLA	29
5. PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA	32
6. AS PRODUÇÕES.....	36
7. PRODUTO TÉCNICO.....	42
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
9. ENCAMINHAMENTOS	44
10. REFERÊNCIAS.....	45
11. ANEXO 1.....	47

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui desenvolvida propõe colocar em pauta a escolarização de pessoas trans em Sobral-CE. A ideia dessa pesquisa surgiu gradativamente e se estruturou a partir do grupo de estudos Travessias, organizado pelos extensionistas do Laboratório de Práticas e Pesquisas em Psicologia e Educação (LAPPSIE) da Universidade Federal do Ceará, *campus* Sobral. Dentre as temáticas trabalhadas no grupo, a diversidade sexual e a identidade de gênero são temas constantes e suas ações são centradas no território escolar sobralense.

O estudo da transgeneridade, por sua vez, parece condensar questões acerca das verdades do sexo e da sexualidade, do corpo e de sua natureza, da cultura, da manifestação generificada do corpo, da heteronormatividade, da natureza imutável e destinadora do que chamamos órgãos sexuais em sua complementaridade. Esses fatos, “travestidos” de experiências individualizantes, permeiam abundantemente a vida escolar enquanto coletividade, enquanto parte de um ethos e, desse modo, enquanto questão de domínio político. A identidade trans surge, portanto, como marcador coletivo, para além do individual, que tensiona as regras de gênero culturalmente, institucionalmente estabelecidas.

Também tratamos dessa temática porque, segundo dados de 2017, da Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil, 82% das mulheres trans e travestis abandonam o Ensino Médio entre os 14 e 18 anos e 90% dessas mulheres acabam na prostituição (BORGES, 2018). Esses números denunciam a vulnerabilidade social a que essa população está submetida e apontam para a necessidade de políticas públicas que amparem esse corpo social de modo efetivo a promover a possibilidade de vida.

Falamos de possibilidade de vida porque, se os dados sobre escolarização de pessoas trans no Brasil são baixíssimos, em compensação, de acordo com a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) os dados de mortalidade desse mesmo grupo no Brasil de 2021 são assustadores: 140 pessoas tiveram suas vidas brutalmente interrompidas como consequência de um discurso de ódio cada vez maior, mais sangrento e muito mais excludente, tornando o Brasil líder dos países que mais assassina a população trans e travesti, líder da barbárie e da incivilidade.

A relação entre esses dois dados pontuados acima parece clara: quanto maior a evasão escolar, maior a vulnerabilidade dos evadidos. Ao sair da escola, perde-se em acesso à cidadania, em inclusão social, em condições mínimas de existência. A ruptura com a escola simboliza também a ruptura com a comunidade,

como um passo para a marginalização. Lima (2021, p. 34) fala em “vivência evadida”, conceito que aborda o

modo de fazer evadir ou impelir a Pessoa Trans para fora da escola. Sendo então possível compreender a evasão como um último estágio de uma vida estudantil precarizada por certos tipos de microações destinadas, antes, a fazer um movimento de saída da escola na forma de uma sutileza, aparentemente desprovida de intencionalidade.

A questão não é polarizar escola e morte em opostos simétricos, mas apontar a escola como um dos caminhos pelos quais a dignidade é alcançada, seja através do acolhimento, dos laços estabelecidos, da alimentação, da alfabetização, do conhecimento necessário para se seguir uma profissão. E cabe questionar: como tornar a escola um espaço menos violento para pessoas trans e travestis?

A escolarização, nesse ponto, precisa ser entendida como um processo que vai além da aprendizagem de conteúdos colecionados ao longo da história da humanidade. Diz de uma vivência muito maior que apenas a passagem pelo território escolar. Diz respeito à partilha de um universo simbólico específico dentro do qual o sujeito transgênero é marginalizado. Não à toa, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) leva em consideração a escolarização e a taxa de analfabetismo em um país como aspectos importantes do desenvolvimento humano. Como aponta Rezende (2012, p. 290),

Desde a primeira edição dos Relatórios do Desenvolvimento Humano (RDHs), publicados a partir de 1990 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), verifica-se que os desafios (os quais dizem respeito ao ensino, ao aprendizado, aos investimentos destinados a desenvolver capacidades e habilidades que levem pessoas, seja individualmente seja em grupos, a um crescente envolvimento tanto na melhoria da educação básica quanto na expansão das oportunidades sociais e políticas) no campo educacional têm sido a coluna central no processo de combate à pobreza, às exclusões, às privações e às desigualdades de chances (de renda, de trabalho, de instrução) que atingem 1/3 da população mundial.

Ora, se no ponto limite da violência está a morte, na esteira desse percurso estão os micro atos que corroboram com o discurso de ódio assassino, revestido de ideias moralizantes acerca do corpo e da sexualidade, do que é considerado certo “por natureza”, pautados em modelos de religiosidade próprios. A força dos discursos que entranham e se naturalizam move, engajando em todos os âmbitos a exclusão, o preconceito, a violência. Na escola não é e não poderia ser diferente.

Não é diferente na escola porque esses ritos violentos se verificam no cotidiano de todos os sujeitos LGBTQIA+ que se encontram em idade escolar a ponto de impelir à desistência. Não poderia ser diferente porque, ainda que se proponha espaço democrático, produtor de cidadania, a escola tem relação intrínseca com a sociedade e não se encontra isolada do território em que está inserida. Essa análise aponta para a necessidade de se transformar o entorno da escola, para além de seus muros. A comunidade, o território a que a escola pertence deve caminhar no mesmo sentido transformador.

Sabemos, no entanto, que a ausência de dados sobre a população trans e travesti em Sobral, e no Brasil como um todo, aponta para a ausência de políticas que a assista. Só é possível direcionar assistência a determinadas vulnerabilidades quando há dados que apontam nessa direção. Como coloca Jannuzzi (2018, p. 3),

Estadísticas públicas, em especial indicadores sociais, cumprem papel fundamental no dimensionamento de questões sociais latentes na sociedade que, vocalizadas adequadamente, podem entrar na agenda prioritária de governo.

A ausência de dados sobre questões sociais implica em invisibilidade. A falta de um substrato material, como funcionam as estatísticas, para a elaboração de políticas públicas para a população LGBT em Sobral nos faz questionar qual o modelo de cidadão que está à altura dos olhares assistenciais públicos.

Nessa lógica, a subalternização dos corpos trans e travestis produzida pelo poder público contribui para o cada vez maior apagamento dessa população marginal. Tal apagamento não existe apenas enquanto exclusão desses corpos, mas também simbolicamente: através do apagamento de seus saberes, através da impossibilidade de lidar com outras formas de experimentar o gênero, o corpo e a sexualidade, promovendo o epistemicídio dessa população (MALFRÁN, NÚÑEZ, LAGO, 2021). O termo epistemicídio é utilizado pois é negado à população trans e travesti que ascendam socialmente como sujeitos de direito, de desejo, de poder e de saberes legítimos.

Ainda na esteira desse pensamento, é preciso apontar certa incongruência na educação sobralense ao se colocar em 1º lugar no Índice de Oportunidades da Educação Brasileira (IOEB) em 2021 e não contar com dados que mensuram a população LGBT, e mais especificamente a população trans e travesti, na escola ou fora dela. Educação de qualidade não é representada apenas por altos escores

obtidos em testes, mas deve levar em consideração o perfil dos estudantes que acessam a escola e o que esses dados apontam no que diz respeito à qualidade da educação pública.

Para além de discutir dados quantitativos sobre essa população dentro e fora da escola, a proposta é tratar da vivência dessas pessoas na escolarização sobralense. Para tanto, partimos da seguinte pergunta: como se dá a experiência de escolaridade de pessoas trans e travestis na educação sobralense?

Investigar como a cidade que é expoente educacional do país lida com a educação de um público tão historicamente assaltado de direitos e marginalizado é de extrema importância pois, além de oferecer visibilidade à questão, ajuda a compreender os efeitos da ausência ou da presença da educação nessa parcela da população. Qual o ideal de estudante da escola pública cearense? Existe espaço para grupos marginalizados? Como trabalhar a transfobia no território escolar?

Essas perguntas se desdobram em muitas potentes outras que não poderão ser prontamente respondidas no fazer dessa pesquisa, mas cujas reverberações podem trazer ganhos para esse campo de pesquisa, além de pôr em evidência diversas questões sobre educação pública de qualidade e diversidade sexual e de gênero.

2. METODOLOGIA

No fazer desta pesquisa, nos deparamos com a total ausência do poder municipal atuando sobre esta população marginal. Buscamos dados nos Centros de Referência e Assistência Social, na Secretaria de Educação e na Secretaria de Direitos Humanos. Esta última nos orientou a buscar coletivos e nos apresentou o Movimento Trans e Travesti de Sobral.

Para alcançar os objetivos pretendidos nesta pesquisa, realizamos oficinas na Estação da Juventude do bairro Sumaré, em Sobral-CE. A Estação da Juventude do Sumaré foi o local sugerido pela presidenta do Movimento Trans e Travesti da cidade, Pamella Nara Araújo, que juntamente com outras mulheres trans e travestis promovem ações, cidadania, amparo, acolhimento e resistência através da organização própria. Abaixo, detalhamos o local e o grupo.

Há que se marcar a resistência a nós dirigida de uma das líderes do coletivo com o fazer de nossa pesquisa. A resistência se dá devido a não compensação financeira de nossa parte, enquanto pesquisadores, às pessoas participantes. Em sua opinião, deveríamos pagar para escutarmos experiências de pessoas marginalizadas, uma vez que servirá para nos qualificarmos academicamente. Em resposta a esta demanda, nos posicionamos de modo a demarcar que o vínculo entre os coletivos e a universidade é em si mesmo uma forma de devolutiva, assim como o produto técnico da pesquisa, que põe em evidência a transfobia na escola pela voz dos próprios participantes das oficinas para a Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação, a CREDE 6.

Dessa forma, por entender que a resistência colocada por essa liderança é uma forma de endereçamento à Universidade e seus representantes na pessoa dos pesquisadores, trazemos a necessidade da construção transferencial nesse processo como uma via de mão dupla não apenas pontual, restrita às oficinas, mas longitudinal.

A transferência enquanto conceito do campo da psicanálise atua de modo a fazer com que do vínculo entre o grupo e o pesquisador emergja conteúdos latentes e pouco explorados no campo da consciência. Como apontam Rosa e Domingues (2010, p. 182 e 185):

A psicanálise porta uma dimensão própria de sujeito e de objeto, a qual constitui o seu método específico de pesquisar e em que o desejo do pesquisador faz parte da investigação e o objeto da pesquisa não é dado a priori, mas sim produzido na e pela investigação. (...) O campo observacional é construído na interação entre o pesquisador e seu interlocutor, num

processo de realimentação mútua (transferência). Está em jogo a posição em relação ao interlocutor, os laços discursivos que se estabelecem de modo que as dimensões diante dos ideais e a imagem de si compareçam ao lado da implicação nas ações, nos excessos não reconhecidos. Logo, não há um dado a ser observado, buscado ou revelado – o dado se constrói na relação, relação transferencial.

Nesse ponto, entendendo relevantes as construções simbólicas dos sujeitos participativos da pesquisa em torno da própria experiência de escolarização em Sobral enquanto pessoas trans e travestis, a oficina trabalhou no sentido de permitir que essa temática surja, favorecendo a circulação dos significantes relevantes na história de cada um.

Essa proposta direcionou o olhar subjetivo sobre os fenômenos pesquisados, para além de reduzi-los a variáveis. A preocupação, como pontua Godoy (1995), é com o processo da pesquisa e não apenas com os resultados colhidos. Este processo de pesquisa pode ser traduzido pela aproximação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, configurando um vínculo de trabalho transferencial que por sua vez facilita a emergência de determinados conteúdos dentro do grupo a partir da relação com o Outro. A resistência acima narrada, como um exemplo de transferência, nos mostrou dado relevante deste processo de vinculação. Abaixo, falamos sobre como se deu a vinculação com o grupo.

Desse modo, a pesquisa de campo se deu nas seguintes etapas: 1) contato com os coletivos de pessoas trans e travestis de Sobral para o agendamento do primeiro encontro; 2) apresentação da pesquisa ao coletivo; 3) agendamento das oficinas com o coletivo e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido; 4) os encontros com o grupo; 5) a divulgação da pesquisa e do produto técnico aos participantes e à CREDE 6.

As oficinas, por sua vez, ocorreram nas datas 14/09/22, 05/10/22, 19/10/22 e 09/11/22, todas na Estação da Juventude do Sumaré. Os encontros foram registrados nos diários de campo dos pesquisadores. Cada encontro teve por duração uma média de 1h30min.

As temáticas trabalhadas em cada encontro se mostraram abertas e flexíveis de modo que permitiram aos participantes do grupo a livre expressão, valorizando a dimensão subjetiva de cada experiência narrada e mantendo a coerência com o tema estudado, como propõe Trad (2009). Sendo assim, os temas elencados e trabalhados nos encontros foram: 1) “como foi minha experiência na escola pública sobralense?”; 2) “como eu me percebi e fui percebido na escola?” e 3) “que alianças pude formar dentro e/ou fora da escola?”.

Cada temática foi trabalhada a cada encontro, respeitando a ordem descrita. O terceiro encontro contou com elementos a mais: cartolinas e pincéis, para que os participantes deixassem suas experiências marcadas. Os encontros, deste modo, não se reduziram a responder às questões propostas, mas deslizaram no sentido de temas que estão circunscritos ao tema principal, como religião, parentalidade, relacionamentos amorosos, reconhecimento social etc.

O quarto e último encontro foi destinado para para que os participantes respondessem ao questionário (anexado abaixo) e também colocassem impressões que não couberam nos encontros anteriores.

2.1. O local

As oficinas ocorreram na Estação da Juventude, localizada no Sumaré, bairro periférico de Sobral. As ruas sinuosas e escuras que nos levam à Estação da Juventude contam com gente nas calçadas, nos bares, na praça. O trânsito, nos horários em que visitamos o local, era composto em maioria por motoqueiros sem capacetes. Pareceu-nos uma cidade do interior cujas leis de trânsito ainda não vigoram pela ausência de fiscalização. Pudemos observar que algumas das pessoas que chegaram à oficina partilhavam desse mesmo hábito.

A Estação da Juventude do bairro Sumaré não foi oficialmente inaugurada e não consta no site oficial da prefeitura, mas está aberta a alguns projetos da juventude local, como o salão de dança e a utilização de algumas salas. A Secretaria da Cultura e Turismo (<https://cultura.sobral.ce.gov.br/projeto/354/#/tab=sobre>) da cidade apresenta o espaço da seguinte forma:

O Programa Estação Juventude oferece diversos serviços para promover a inclusão e emancipação dos jovens. São espaços espalhados pelo Brasil que têm o objetivo de ampliar acesso dos jovens às políticas públicas. O Estação Juventude oferece informações sobre programas e ações para os jovens, além de orientação, encaminhamento e apoio para que eles próprios tenham condição de construir as suas trajetórias e buscar as melhores formas para a sua formação.

Desse modo, a Estação da Juventude do bairro Sumaré ocupa um local simbólico: está à esquerda da Igreja de São José e à frente da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carmosina Ferreira Gomes. Essas três referências ficam em um planalto, encabeçando o centro do bairro Sumaré com bastante

iluminação, faixas de pedestres elevadas e entorno muito bem-sinalizado. Outras vias do bairro não contam com essa estrutura.

A escolha por este espaço se deu através da intervenção de Pamella Nara Araújo, mulher trans e presidenta do Movimento Trans e Travesti de Sobral-CE e gestora de Projeto Juvenil da Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer (SECJEL) de Sobral-CE. A proposta inicial era a de realizarmos as oficinas da presente pesquisa na Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes (ECOJA) no centro de Sobral, pois já havíamos participado de um encontro do Movimento Trans e Travesti de Sobral em uma das salas da Escola a convite da presidenta Pamella Araújo.

Este encontro, intitulado “Café com Elas”, se deu em 20 de abril de 2022 e foi um encontro potente de empoderamento da comunidade de mulheres trans e travestis de Sobral. A vice-presidenta Gloss Alves apresentou uma fala sobre a trajetória do movimento trans e travesti nos contextos mundial e local. Expôs os direitos das mulheres trans e travestis no Brasil e na cidade de Sobral e propôs o estabelecimento de uma rede de apoio entre as mulheres trans e travestis de Sobral para suportar e denunciar as violências sofridas diariamente.

Por termos acompanhado esta experiência tão simbólica no ECOJA no primeiro semestre de 2022, propomos a feitura das oficinas no mesmo local. A presidenta Pamella propôs algo diferente: a descentralização dos encontros para territórios mais marginais, mais próximos das realidades dos participantes, podendo cada encontro se dar em território diferente.

No entanto, o acesso a determinados conteúdos latentes parte da relação transferencial entre pesquisadores e grupo, fato que se tornaria difícil com tamanha variação de participantes e espaços. Desse modo, estabelecemos que a descentralização das oficinas é, além de válida, necessária. E que as oficinas, assim, ocorreriam no bairro Sumaré, na Estação da Juventude, primeiro espaço que visitamos e no qual fomos muito bem-recebidos.

O bairro Sumaré, por sua vez, assim como outros territórios periféricos sobralenses, é conhecido na cidade pela alta criminalidade, como pontuam Freitas e Sales (2017, p. 4):

Bairros como Alto do Cristo, Alto da Brasília, Sumaré, Padre Palhano, Residencial Caiçara e Terrenos Novos possuem uma imagem de perigosos, perceptível nos discursos dos comunicadores e da população em geral, enquanto bairros “elitizados”, de maior interesse especulativo e de maior

ação dos agentes imobiliários, são referidos e entraram no imaginário como relativamente seguros, como Derby, Junco e Renato Parente.

Corroborando com este imaginário, no dia 05/10/22, dia agendado para a segunda oficina, a cidade de Sobral é alertada do infeliz atentado que ocorreu na Escola Carmosina Ferreira Gomes, em que um aluno do Ensino Médio, vítima de bullying na escola, disparou contra colegas de sala, matando um deles. Este acontecimento reverberou por todo o país e, mais significativamente, pelo bairro.

Propomos o adiamento da oficina, dada a proximidade de tempo, de espaço e de tema com o acontecido, e a presidenta Pamella, por sua vez, reforçou a necessidade de falarmos sobre as violências escolares necessariamente naquele fatídico dia. Portanto, mantivemos a oficina e abrimos para a elaboração do acontecido, dado que a maior parte dos participantes (50%) da oficina são alunos provenientes da Escola Carmosina, enquanto outros participantes estão distribuídos em outras escolas da cidade.

2.2. O grupo

A proposta inicial do projeto, como dito anteriormente, era a de acessar a população trans e travesti por meio dos Centros de Referência e Assistência Social da cidade de Sobral, propondo o link entre a assistência dessa população marginal e a Rede de Educação. No entanto, ao entrarmos em contato com os CRAS de Sobral, fomos informados de que não há dados da população trans e travesti na cidade de Sobral.

Dada a realidade, buscamos acessar os participantes do grupo através da presidenta do Movimento Trans e Travesti de Sobral-CE, Pamella Nara Araújo. Conhecemos o trajeto da presidenta Pamella através da Secretaria de Direitos Humanos de Sobral pelo seu ativismo nas pautas trans e travesti da cidade.

Percebemos que o Movimento Trans e Travesti de Sobral encontra na liderança de Pamella alguém em quem confiar pelo incansável combate às violências sofridas pela população T, além da busca pela garantia de direitos deste público, como a retificação do registro de nascimento. Este fato, somado ao estímulo da união entre a comunidade trans e travesti, garante coesão ao movimento.

Desse modo, pudemos conhecer essas pessoas e, inicialmente mediado pela figura de Pamella, transmitir os objetivos do projeto de pesquisa. No entanto, o

vínculo que iniciou centralizado na figura da presidenta se diluiu já no primeiro encontro, quando percebemos endereçadas a nós pesquisadoras as demandas do grupo.

No primeiro encontro, a presidenta Pamella nos apresentou enquanto pesquisadoras que estudam a experiência de pessoas trans e travestis na escola e pediu que falássemos sobre o projeto. Antes que terminássemos de apresentar, os membros do grupo já estavam compartilhando suas experiências.

Uma das participantes, inclusive, convidou duas pessoas cis para participarem de outro encontro e falarem sobre o bullying sofrido na escola. Interpretamos esse dado como uma demonstração de confiança no vínculo estabelecido, uma forma de pontuar que aquele ambiente, com aquelas pessoas, configuram um espaço confiável para falar de conteúdos considerados traumáticos.

Os participantes do grupo variaram em todos os encontros. Ao todo, 4 participantes estiveram presentes em 100% dos encontros, o restante alternou a participação em 1 ou 2 encontros. No total, ouvimos 15 pessoas distribuídas nos 4 encontros.

Todas as oficinas ocorreram na Estação da Juventude do Sumaré. Escolhemos, dentro da Estação, um espaço amplo, arejado, visível da entrada, que permitisse o acesso a todos que se interessassem. Nos organizamos em círculo, com cadeiras de uma sala ao lado. Em todos os encontros levamos lanche, o que proporcionou o sentimento de intimidade no grupo desde o primeiro encontro. Os lanches fizeram a diferença na vinculação com os participantes ao ponto de proporem uma vinholada como encerramento dos encontros.

2.3 O Questionário

2.3.1 Análise do questionário

O modelo de questionário aplicado às pessoas participantes da última oficina que ocorreu dia 09/11/22 na Estação da Juventude, bairro Sumaré, em Sobral-CE consta como o Anexo 1.

O questionário tem como proposta estabelecer informações mínimas do perfil dos participantes, resguardando a dimensão ética da pesquisa, sem identificá-los.

Optamos por aplicar o questionário no último encontro porque preferimos acessar, inicialmente, os conteúdos de forma subjetiva, ou seja, através dos enunciados de cada participante do grupo, de modo que todos estivessem

familiarizados com as temáticas trabalhadas ao longo dos encontros, para só então responderem de modo objetivo, mediado por papel e caneta, as questões que alinharam toda a pesquisa de campo.

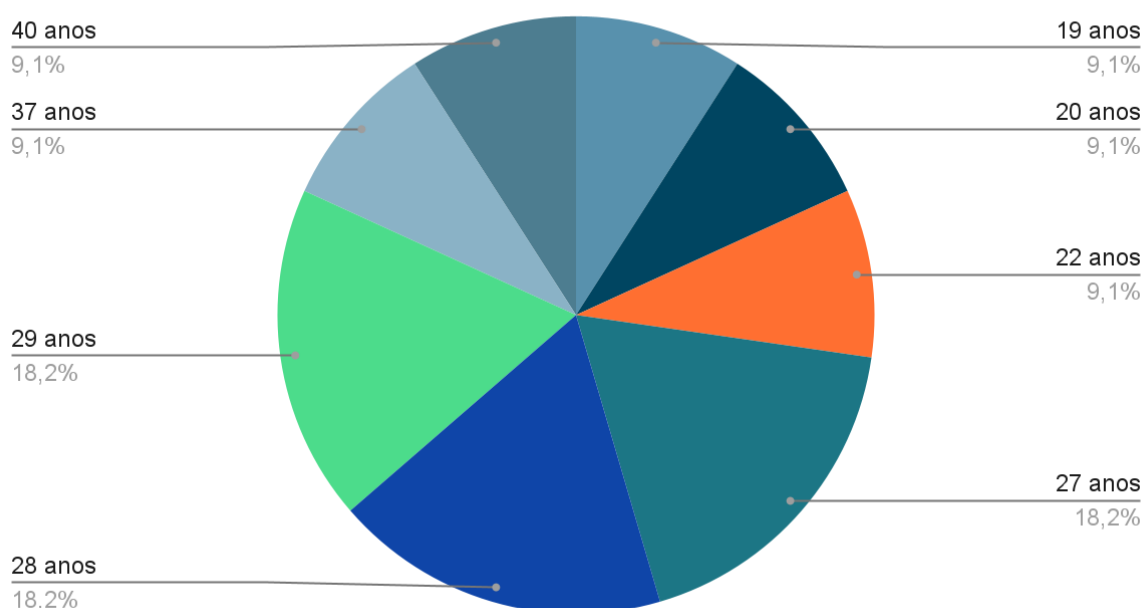
Foi explicado aos participantes que este questionário condensa objetivamente algumas das questões que foram tratadas ao longo das oficinas e também foi reforçada a importância de registrar o perfil dos participantes.

Ao todo, 12 questionários foram respondidos. Alguns participantes não quiseram respondê-lo, o que foi respeitado.

2.3.2 As respostas

No item 1, temos como resposta o seguinte gráfico:

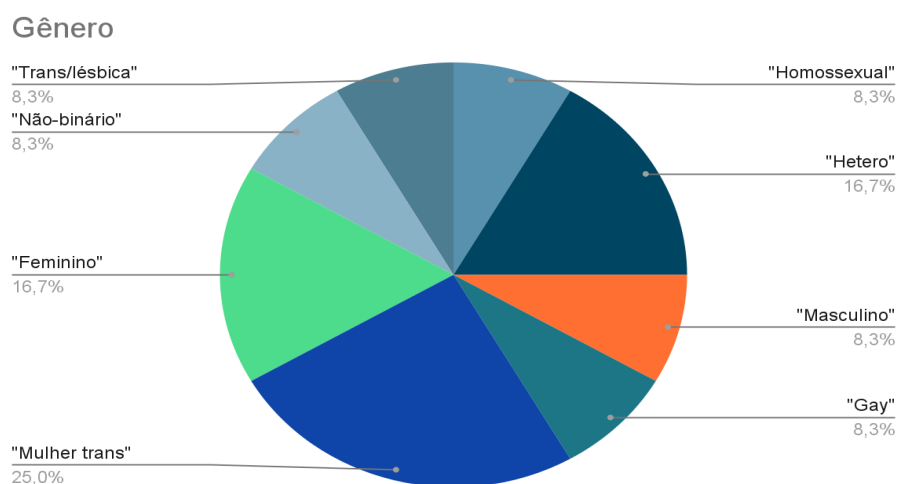
Faixa etária



A diversidade de faixa etária nos mostra que os relatos de violência sobre identidade de gênero e orientação sexual não permaneceram no passado, assim como não são especificidade do presente.

O privilégio de termos acessado pessoas cuja passagem pela escola se deu no início dos anos 2000, assim como entre os anos 2010 a 2019, pontua que a violência permanece, mesmo que de formas mais “maquiadas”, termo muito utilizado por algumas participantes ao comparar experiências escolares no grupo.

No item 2, sobre o gênero, há que se pontuar diferentes respostas, que seguem:

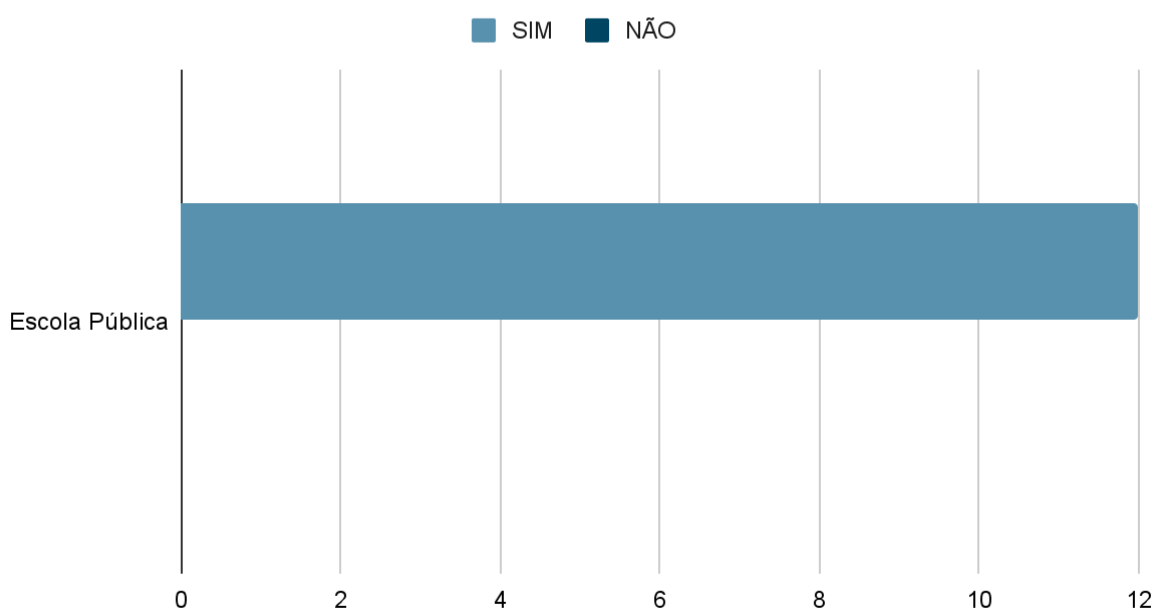


Neste item, temos como exemplo a confusão entre as categorias de identidade de gênero e orientação sexual. As respostas “homossexual”, “gay”, “hetero”, “lésbica” ilustram tal confusão.

Além disso, a categoria “trans” pontua o transpasse da cisgeneridade, ainda que não se estabeleça necessariamente em um dos polos masculino/feminino, tem-se a percepção da própria identidade dissidente.

No item 3:

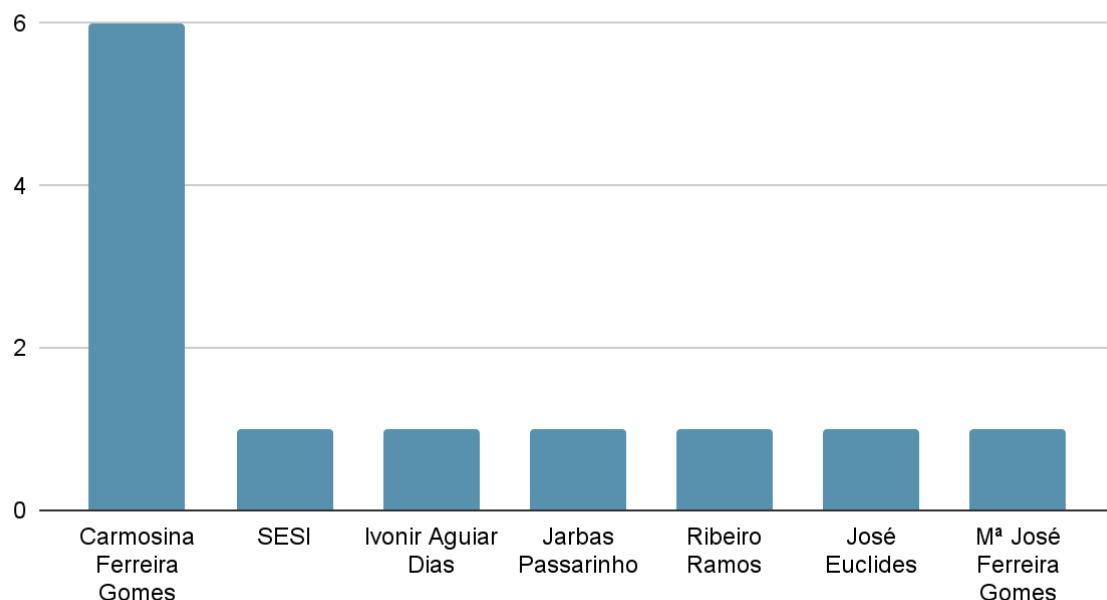
Estudou em Escola Pública



Todos os participantes que responderam ao questionário são oriundos da escola pública sobralense, municipal ou estadual, corroborando com um dos critérios do projeto de pesquisa. Abaixo as escolas são listadas.

No 4º item, “em qual escola estudou?”, 6 escolas diferentes foram listadas:

Escola em que estudou



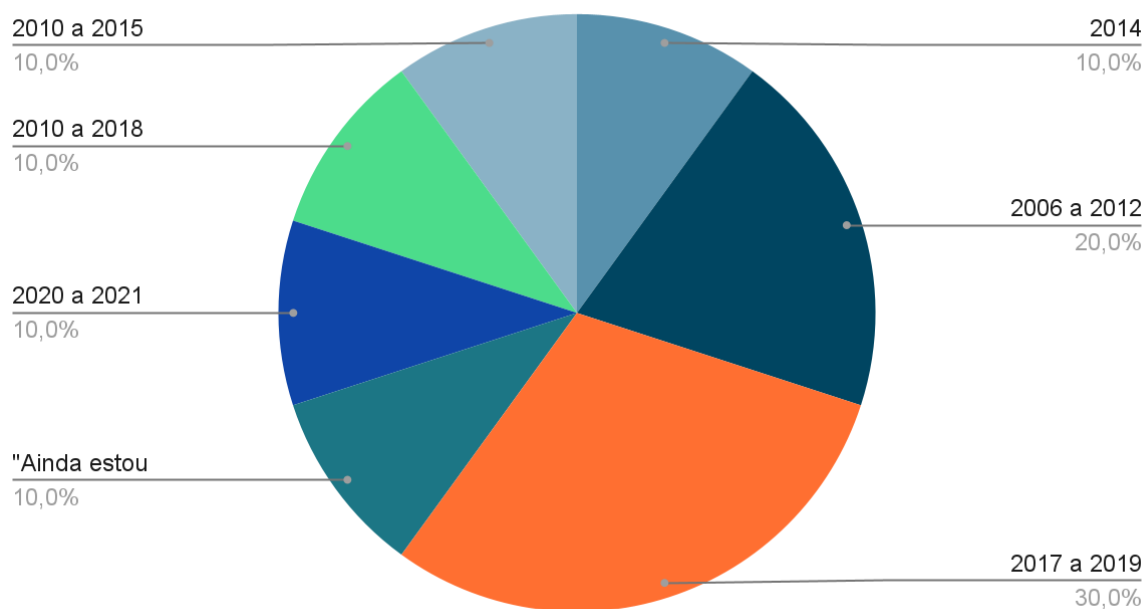
As escolas estaduais listadas são: Carmosina Ferreira Gomes, Jarbas Passarinho, Ribeiro Ramos, José Euclides.

As escolas municipais são: Mª José Ferreira Gomes, Ivonir Aguiar Dias.

O SESI é a única escola do tipo privada das listadas.

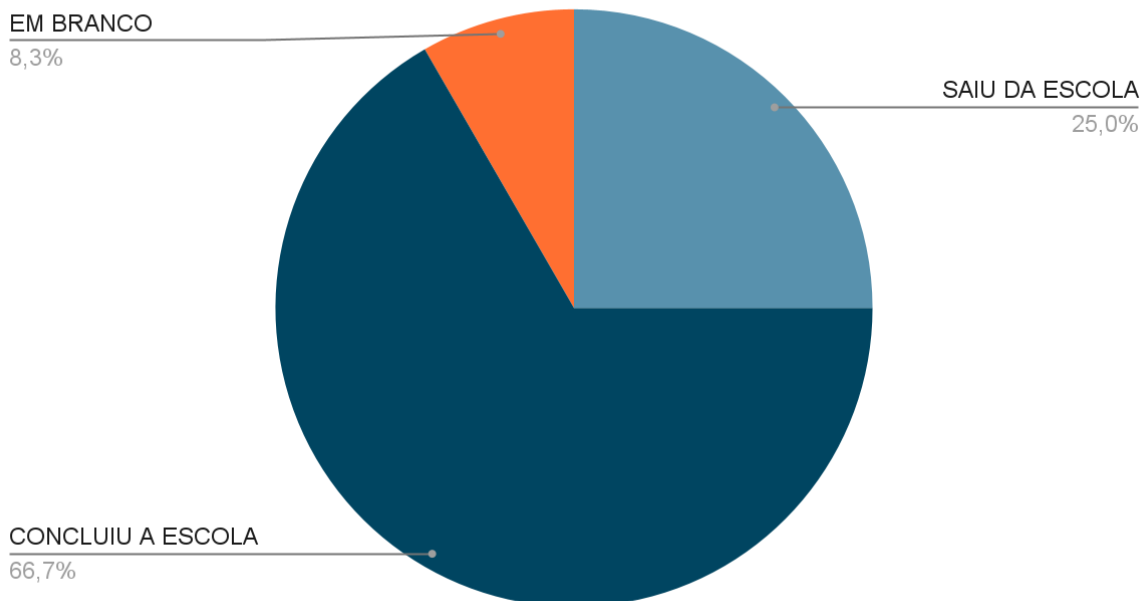
No 5º item, em qual período estudou nesta escola, alguns questionários ficaram em branco. As respostas, quando houve:

Em que período estudou nesta escola?



No item 6, sobre ter evadido da escola antes de concluir o ensino médio, algumas respostas surgiram:

Concluiu o Ensino Médio?



A porcentagem de evasão escolar é alta no grupo, contando com 25% das pessoas que responderam ao questionário. Em outro tópico, analisamos o porquê desse resultado.

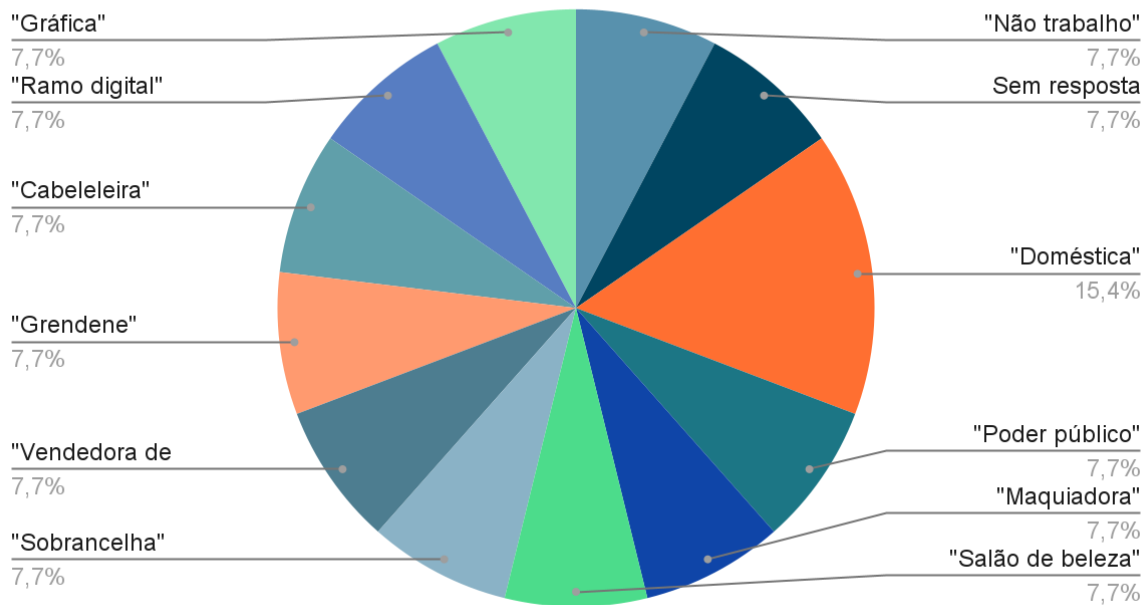
A questão 7 contou apenas com 2 respostas:

- "Trabalho" (sic)
- "Sair por conta de brigas e também pois não queria ser o que não prestava" (sic)

No item 8, não houve tentativa de contato da escola em nenhum dos casos de evasão.

No item 9, algumas respostas:

Em que trabalha atualmente



Essas foram as respostas oficiais no item 9, mas há que se levar em consideração aquelas respostas não escritas, ditas por algumas das meninas que lá estavam, sobre a prostituição, por exemplo. É possível notar a possibilidade de agrupamento de algumas dessas respostas em torno da categoria “beleza e feminilidade”, como “salão de beleza”, “sobrancelha”, “maquiadora”, “cabeleleira”.

3. A DIMENSÃO DA DIFERENÇA E DO RECONHECIMENTO

A dimensão da diferença esteve presente em todos os encontros, desde o primeiro momento. Como ponto de partida, os próprios pesquisadores marcaram com seus corpos as diferenças de classe, raça, gênero, escolarização e território.

Segundo o conceito de Ribeiro (2017) de lugar de fala, esse distanciamento social serviu para demarcar quem, de fato, detinha conhecimento sobre o tema pesquisado. Nós, que ali estivemos em posição de Suposto Saber representando uma universidade, pontuamos a todo momento nossa posição de ouvir, e não de falar por eles/elas/elus.

Na larga maioria das vezes, a experiência dos participantes na escola foi marcada pela presença de um "apelido", símbolo da diferença percebida entre corpos e subjetividades. "Tcholis", que segundo os colegas de sala de L., era a tradução de "gay" para o inglês, é um exemplo dessa marcação da diferença. L. se apropriou do apelido e também se intitulava "a Tcholis", marcando o gênero no feminino. Passou a ser reconhecida assim em toda a escola.

Anos depois, em uma de nossas oficinas, L. recebeu seu registro de nascimento retificado, com gênero e nome corretos. Foi um momento lindo, que simboliza a importância do reconhecimento social da identidade de gênero de um sujeito.

O exemplo de L. é ilustrativo porque nos aponta que a diferença de seu corpo, de sua performatividade, pontuada pelos outros, foi incorporada pela mesma, em movimento de apropriação dos significantes da própria história. Louro (2019, p. 13) fala: "reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência."

Para lidar com a diferença existente entre a própria performatividade e a heteronormatividade, o relato de J. mostrou outra possibilidade: valer-se de pessoas populares para que não sofresse o que chamou de "bullying". Ao se aproximar desse nicho de pessoas, pôde estabelecer-se em posição de poder. Guacira Lopes Louro (2013, p. 62) diz:

[A escola] informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos.

Valendo-se, então, dessas alianças-modelo, J. construiu espaço para assumir a própria identidade. A experiência de A., por sua vez, mostra o contrário.

A. relata que sofria agressões verbais constantemente. Por ser muito tímida e retraída, não pôde contar com os mesmos instrumentos de J. (ambas estudaram na mesma sala). A., como alvo da violência homofóbica de seus colegas de escola, foi brutalmente espancada em um desses episódios. Foi salva por sua mãe, que chegou à escola para buscá-la. A. não concluiu a escola. Utilizamos o termo “homofobia” porque, até aquele momento de sua vida, A. não se identificava como mulher trans.

É preciso questionar, desse modo, se a timidez e retração de A. não são consequências da violência a ela dirigida. Não houve espaço para A. transitar, não houve condição propícia para sua existência plena. Louro (2013, p. 72), ao falar do silenciamento dos homossexuais em sala de aula, afirma:

Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da “norma”. A ignorância (chamada, por alguns, de *inocência*) é vista como a mantenedora dos valores ou dos comportamentos “bons” e confiáveis. A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

As transições relatadas, em sua maioria, como é exemplo de A., ocorreram após a saída da escola. Ora, não há pessoas trans na escola? O tempo de escola não é tempo de se descobrir trans e transicionar? Não é ambiente para performatividades transexuais? É possível dizer que a homofobia era, na verdade, transfobia? O fim da escola, em sua conclusão ou evasão, parecem marcar em alguns casos a abertura para a transição.

Essa discussão anuncia outro contexto: a impossibilidade de dizer sua própria identidade. Foi o que percebemos em alguns relatos durante as oficinas. Nos relatos de B. e T., por exemplo, há a percepção em ambos de corpos dissidentes em si mesmos. Em sua fala, B. diz não se reconhecer como mulher trans por não ser feminina 100% do tempo e deixar a barba crescer. É tratada no feminino pelas pessoas da roda e também se trata no feminino. Quando perguntamos como deveríamos tratá-la, nos pediu que a tratássemos com respeito.

T., por sua vez, não sabe dizer se é mulher lésbica ou homem trans. O fato é que sua experiência de vida, marcada no seu corpo e na sua performatividade, aponta para algo além da cisgeneridade, da heteronormatividade, seja a partir de si mesmo ou do olhar do outro. T. é tratado por todos no masculino. Nesse ponto, percebemos a potencialidade da não-identidade. Louro (2019, p. 17), no texto “Pedagogias da sexualidade” diz:

Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente (...). O reconhecimento do “outro”, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos.

Esses exemplos ilustram a percepção do que é um “transexual de verdade”, assunto discutido por Bento (2017, p. 148) em sua obra “A reinvenção do corpo”, no qual tratará da disputa entre psicanalistas e endocrinologistas acerca da verdade sobre o corpo transexual: “Quando uma pessoa diz “sou um/a homem/mulher” e o especialista pergunta “que é um/a homem/mulher?” desencadear-se-á uma relação discursiva baseada nas verdades estabelecidas para a definição de mulher/homem.” Em seguida, Bento (2017, p. 153) afirma:

Os padrões de masculinidade e feminilidade construídos socialmente refletem-se nas definições do que seja um/a transexual de verdade. É nesse sentido que esta experiência põe em funcionamento os valores que estruturam os gêneros na sociedade.

O fato é que, como pontua Wittig (2022), o “pensamento hetero” opera em todas as determinações discursivas acerca dos corpos dissidentes que não funcionam na lógica considerada coerente, lógica esta que encerra em si a relação íntima entre identidade de gênero, objeto de desejo sexual e órgão sexual.

Bento (2017, p. 153) acrescenta: “Quando a sociedade estabelece que o/a homem/mulher de verdade é heterossexual se deduz imediatamente que um/a homem/mulher transexual também deverá sê-lo e são construídos dispositivos em torno dessa verdade.”

A escola, portanto, pode ser considerada um desses dispositivos construídos historicamente para produzir e reiterar verdades acerca dos corpos e suas sexualidades. Louro (2013, p. 61), em concordância, diz:

Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e imediatamente separou os meninos das meninas.

Não seria incoerente dizer, portanto, que a escola separa os cisgêneros dos transgêneros, produzindo a marginalização dos últimos. Os relatos ouvidos durante as oficinas confirmam esta análise. Parece, assim, que lidar com esse formato de alteridade – marcada corporalmente, performativamente –, não é considerado. Ainda que se valham de determinados instrumentos e artifícios, os corpos trans e travestis são simbolicamente apagados do convívio escolar, são desconsiderados enquanto sujeitos.

A vivência de trans e travestis na escola é marcada pelo medo, pela retração, pela violência, pelos apelidos – pela diferença com a cishnorma, afinal. A diferença, a cada vez que surge, ameaça a norma e, portanto, é apagada. Butler (2020) fala sobre a necessidade desesperada de reiterar as normas de gênero e sexualidade, como uma vigilância panóptica sem fim. É dessa forma que o epistemicídio trans e travesti se dá na escola. Mas é também na hiância entre cada repetição da norma que a resistência se firma e cresce.

4. NOS MUROS DA ESCOLA

No texto “Sobre a precariedade da escola”, Inés Dussel (2017, p. 90) propõe a necessidade de precarizar a escola de modo a torná-la espaço menos disciplinado, menos autoritário: “precarizar é uma forma de intervir em um estado de coisas – uma disciplina, uma ordem social – que permite pôr em evidência as exclusões ou as imposições e criticar ou subverter certo status quo.” A experiência trans/travesti na escola vem colocar em questão o estabelecimento reiterado de montagens que buscam a rigidez das normas escolares.

As experiências de D. e T. nos banheiros de suas escolas são exemplos da fragilidade dessas normas tomadas como naturais pela sua reiteração. Ao transicionar, D., um rapaz trans, continuou utilizando o banheiro feminino por se sentir mais confortável. Foi interpelado pelas colegas que disseram que ele não poderia continuar a utilizar o banheiro feminino pela possibilidade de assediar as meninas que também faziam uso do espaço.

D. recorreu ao diretor da escola para mediar a situação. O diretor, então, ofereceu o banheiro da própria sala para que D. pudesse fazer uso. Esse relato foi pontuado por outras pessoas participantes da oficina, que elogiaram a postura do diretor. D. permaneceu calado diante dessa manifestação de apoio. Mas o fato é que também foi pontuada a vontade de separação para evitar o conflito entre estudantes acerca do banheiro. Que postura deveria ter sido tomada?, nos perguntamos.

Esse relato demonstra a fragilidade do que representa o banheiro em uma escola. É espaço de disputa? Pode ser considerado em sua rigidez natural do que é feminino ou masculino? A experiência de D., constrangedora como se apresentou, diz da necessidade de reelaborar sobre os domínios espaciais na escola.

T., já apresentado acima, falou sobre o incômodo com o tal diretor. Em uma conversa com T., o diretor fez um comentário desrespeitoso: sugeriu que ele e T. “trocassem de corpo” já que T. tem um “corpo feminino” e ele tem um “corpo masculino”. Por mais que o diretor se colocasse como aliado, tais comentários advindos de alguém em posição de poder produzem marcas que aumentam a sensação de marginalização em pessoas trans e travestis. T. não concluiu a escola. Em sua fala, não faz relação da evasão com as agressões verbais que sofreu ao longo da vida escolar ao ser chamado de “mulher-macho”, “sapatão”, etc. Mas é certo que sua experiência com a transfobia não tornou a escolarização um processo agradável.

Conversando um pouco mais, pudemos entender o porquê de D. se sentir mais confortável no banheiro feminino. Ao contar sua história, ele fala sobre os “traços masculinos” que o acompanharam por sua vida. O fato de ter sido criado como uma jovem evangélica o obrigava a jogar futebol de saia comprida junto dos meninos da escola no intervalo das aulas. Isso lhe rendia muitos apelidos e interpelações violentas, do tipo: “tu menstrua, como quer ser homem? tu é cheia de hormônio feminino”. Como D. poderia se sentir minimamente confortável dividindo o banheiro com pessoas que o agrediram verbalmente desse modo? Pessoas que não o reconhecem como igual? E, de outra forma, como se sentir confortável no banheiro feminino do qual fora expulso e no qual fora chamado de assediador?

O tópico do banheiro foi amplamente debatido nos encontros e é exemplo da tentativa de subversão do status quo reafirmada pelos dispositivos reiterados historicamente, ou seja, da necessidade de sua precarização (DUSSEL, 2017). Essa discussão coloca em pauta a dimensão política da experiência transexual/travesti na escola e no mundo.

A representação social das questões trans/travestis não podem ser pautadas pela experiência cis/heteronormativa, que é, como o próprio termo demarca, a norma, o status quo. Louro (2019, p. 19), tratando das identidades sociais, fala: “As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder.”

Porque guarda relação íntima com a dimensão política, ou seja, com o campo de negociação com o outro, é preciso apontar para a necessidade de reconhecimento e afirmação nos espaços partilhados por grupos em posição de poder e grupos marginalizados. Algumas ações, dentro da escola, demarcam tal aliança: L. fala sobre como foi reconhecida, desde sempre, por seus professores em seus pronomes e nome social. C. fala sobre a necessidade de adaptar os banheiros ditos inclusivos à realidade das pessoas trans. H. fala sobre se sentir respeitada por professores e colegas de sala. Essas experiências positivas no espaço escolar são acompanhadas por sentimentos de legitimação e pertencimento.

Quando não há possibilidade de negociação com o outro, a barbárie assume a direção. B. fala sobre como apanharia caso tentasse negociar com seus abusadores. A vivência de A., que de fato apanhou brutalmente no pátio da escola, ilustra a fala de B. Essa violência gerou ressentimento profundo em B. Durante a

única oficina em que B. participou, precisamente a oficina que ocorreu no mesmo dia do atentado na escola Carmosina Ferreira Gomes, B. disse entender o garoto que efetuou os disparos. Ela disse que se dispusesse de uma arma em seu período escolar, teria agido da mesma forma. Essa passagem ao ato é marcada pelo imperialismo americano como um sintoma não tratado de um laço social precário, sedimentado. Qual deve ser o papel da escolarização no laço social?

5. PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

A escola não se encerra em seus muros. Na verdade, uma escola pertence a um território específico, a uma comunidade específica, e carrega em seu bojo características do entorno. Não se trata de uma relação passiva, no entanto, visto que a escola também oferece participação ativa na dinâmica com o território. Dessa forma, o sentimento de pertencimento de um sujeito a um território é construído não apenas na relação direta com a comunidade, mas é também incentivado na e pela escola. Do mesmo modo, para um aluno se sentir pertencente ao espaço escolar, é preciso que haja algo de seu no espaço que o circula, em movimento ativo de participação e reconhecimento (RAFFESTIN, 1993).

Durante as oficinas, por mais que as questões feitas se voltassem para a experiência escolar dos participantes, as experiências faladas e associadas não se reduziram àquelas do espaço escolar. Falar da experiência na escola, afinal, é falar sobre a própria vida, é falar sobre si, de onde se veio e para onde se vai.

A história que V. nos conta é exemplo disso. V. é indígena de uma tribo do Amazonas. Veio ao Ceará escondida em uma embarcação, pois aos 7 anos foi percebida por “destoar” das performatividades masculinas esperadas de um homem em sua tribo. O pajé temia que V. estimulasse outros homens a serem homossexuais e propôs a sua família que realizassem um ritual com seu corpo. A família rapidamente se organizou de modo a transportá-la para parentes cearenses, onde foi adotada. V. fala sobre sua tentativa de se religar a sua identidade indígena ao se vestir com trajes indígenas tipicamente femininos, em tentativa de ressignificar a experiência marginal de ser agora uma mulher trans indígena.

bell hooks (2019, p. 287) fala sobre diferença cultural entre centro e margem: “não queremos desempenhar o papel do “Outro exótico”, devemos criar espaços dentro dessa cultura de dominação se quisermos sobreviver inteiros, com a alma intacta. Nossa presença em si já é uma interferência.” Esse texto fala sobre fazer uso da margem como um espaço de abertura radical. A margem, segundo bell hooks, é um lugar onde se deve ficar, um espaço de resistência – como ilustra a vivência de V. –, e não necessariamente espaço de privação.

D., assim como V., traz em sua história a marca de ter sido enfeitado de sua casa muito jovem. A noção de exclusão e rejeição são acontecimentos frequentes em sua vida. D., aos 13 anos, passou 3 dias dormindo na rua porque sua mãe, muito evangélica, não o aceitou ao se assumir. Foi resgatado da rua por uma

prima, que se compadeceu dele. D. direciona para nós uma questão que parece ser muito íntima para ele: “por que os evangélicos são tão preconceituosos?” e que, no fim das contas, pode ser traduzida por: “por que minha família é tão preconceituosa comigo?”

A religião, portanto, se torna um tópico a ser falado durante a oficina. L. diz que se Deus a fez assim, então todos deveriam aceitá-la. J., por sua vez, diz que já discutiu com outra amiga trans que lhe dissera que ambas iriam para o inferno por serem trans. J. discorda, diz que vai para o céu. Todos os participantes da roda dizem ser cristãos. O discurso religioso é reproduzido pelos participantes da oficina, mesmo que seja um dos dispositivos mais eficazes de marginalização do corpo trans (BUTLER, 2020). Ainda assim, faz parte da identidade do grupo, da relação com a espiritualidade e com as tradições de seu território.

Os relacionamentos amorosos também configuraram tópico de destaque nas oficinas. L. nos conta, por exemplo, que conheceu seu ex-marido em sala de aula. Iniciaram o relacionamento na escola até decidirem morar juntos. A partir de então, seu marido não permitiu que ela continuasse a frequentar a escola, motivo que a fez evadir. L. fala sobre o quão abusivo seu ex-marido se tornou. A realidade da vivência de mulheres trans em relacionamentos heterossexuais é atravessada, além do preconceito, pelo machismo.

O relato de L. nos faz questionar se o movimento feminista se volta para as violências sofridas por mulheres trans ou apenas cis. Louro (2013) fala sobre como é preciso demarcar a existência das diferenças existentes na categoria “mulheres” da qual o feminismo se ocupa. Tal categoria não é homogênea e acaba por reproduzir discursos de poder e exclusões dentro de suas diferenças.

A., por exemplo, conta que se apaixonou por um rapaz e que mantiveram um relacionamento às escondidas porque, segundo ele, não saberia dizer para sua família e amigos que estava se relacionando com uma mulher trans. Ela diz: “quando ele falou isso, me perguntei: eu sou o que? um monstro?”. O rapaz temia que fosse considerado um homossexual por todos. A. fala em tom de lamento sobre as pessoas enxergarem os corpos trans reduzidos à genitália e como isso é injusto — terá seu corpo percebido como masculino por carregar um pênis entre as pernas.

Nesse ponto, a noção de que “o sexo biológico é o destino” precisa ser analisada. A ideia de que o gênero é construído culturalmente enquanto reflexo do sexo, sendo este último natural, é tratada por Butler (2020). O sexo, a genitália não

é produto neutro da biologia, mas fruto de um discurso que realoca cultural e politicamente os corpos dentro do binarismo heterossexual.

Ao se questionar “sou um monstro?”, A. se depara com a ideia de que seu corpo, sua vida é percebida pela noção de abjeção que, segundo Butler (2019, p. 197) é “precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito.” Assim funciona a transfobia: a desumanização dos corpos trans/travestis os relega à posição de não-sujeitos, incapazes de falarem por si, de requererem seus direitos políticos, de serem amados.

Fomos capazes de perceber, em todos os encontros, em cada um desses relatos, a resistência forjada a muito custo. Não à toa, alguns relatos foram acompanhados de lágrimas, de engasgos, de pedidos de desculpas. A percepção de que essas experiências têm relevância política e de resistência foi pontuada a cada encontro.

Na última oficina, ao finalizarmos o encontro, a presidenta Pamella Nara Araújo pediu a palavra para tratar da necessidade de todos os presentes se organizarem politicamente na Câmara Municipal de Sobral, na qual tramitava um projeto de lei que propunha impedir o uso de banheiros por identificação de gênero. Pamella pontuou a necessidade de se afirmarem mulheres trans e travestis e lutarem por seus direitos enquanto identidade reconhecida e respeitada. A icônica frase “Travesti não é bagunça!” foi repetida.

Sua fala aponta para a necessidade de organização política nas margens quando há imposições advindas do centro. bell hooks (2019, p. 289) trata dessa temática:

A marginalidade é também um espaço de possibilidade radical, um espaço de resistência. (...) Eu não estava falando de uma marginalidade que alguém quisesse perder – da qual quisesse se livrar ou se afastar à medida que se aproxima do centro –, mas sim de um lugar onde se fica, e até mesmo ao qual se apegamos, por alimentar a sua capacidade de resistência. Essa marginalidade oferece a uma pessoa a possibilidade de ter uma perspectiva radical a partir da qual possa ver e criar, imaginar alternativas, novos mundos.

“Alimentar a sua capacidade de resistência” é, portanto, possibilidade de sobrevivência quando falamos sobre pessoas trans e travestis na escola e no mundo, especialmente no Brasil, país que mais assassina pessoas trans e travesti. bell hooks complementa (2019, p. 291):

Compreender a marginalidade como posição e lugar de resistência é crucial para as pessoas oprimidas, exploradas e colonizadas. Se vemos a margem apenas como sinal de desesperança, um niilismo profundo penetra de forma destrutiva a própria base do nosso ser.

A relevância do Movimento Trans e Travesti em Sobral demarca a capacidade de resistência alimentada, impedindo o niilismo desesperador. A organização desse grupo em torno da retificação dos registros de nascimento garante dignidade e cidadania às pessoas trans e travestis através do programa “Meu nome importa”; e o estímulo aos estudos por meio do programa “Trans e Travesti estudada” que ajudou inúmeras trans e travestis a concluírem seus estudos, estimulando-as a cursarem o ensino superior, ainda que muitas portas se fechassem, como é exemplo de uma universidade particular de Sobral que abriu o vestibular para pessoas trans e travestis e impediu as/os vestibulandes de se matricularem.

6. AS PRODUÇÕES

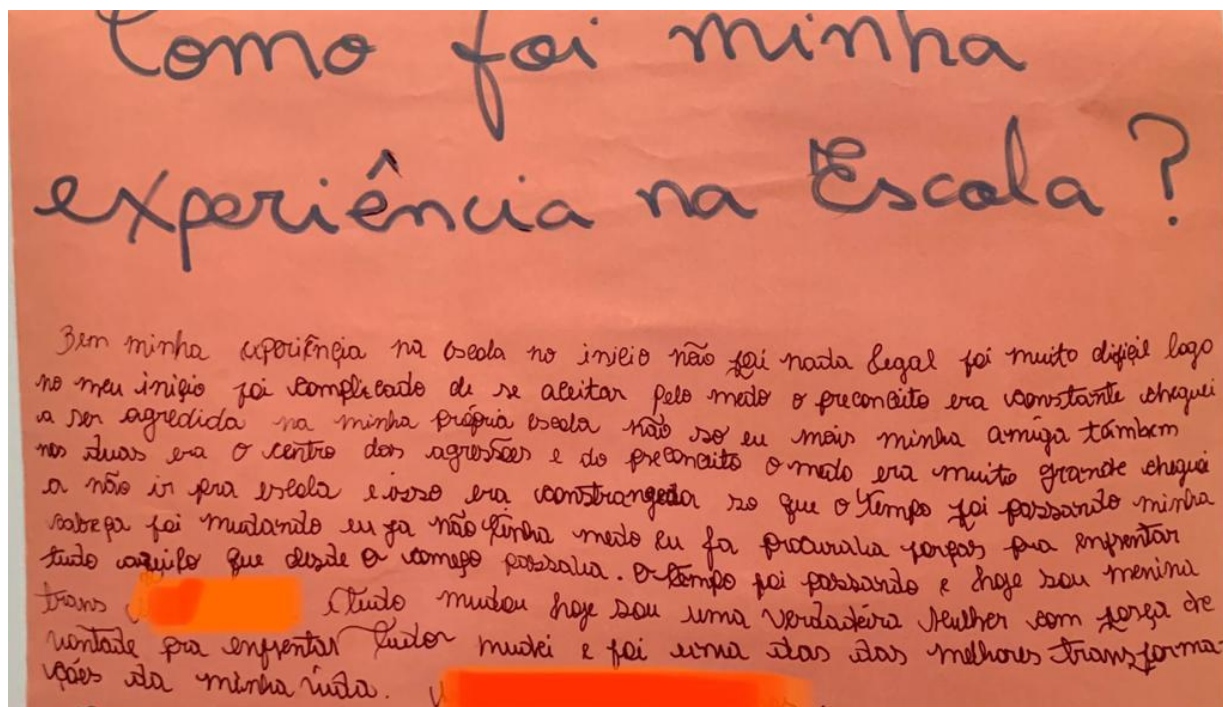
As produções com cartolinas foram realizadas no terceiro encontro. Dispomos de cartolinas e canetas para que os participantes se expressassem através da escrita. Intitulamos, no topo de cada cartolina, as perguntas motivadoras dos encontros.

As questões “Como foi minha experiência na escola?”, “Como me percebi e fui percebido pelo outro?” e “Que alianças pude formar dentro e/ou fora da escola?” foram respondidas por quem estava presente no encontro. Também debatemos sobre cada uma delas.

Uma das participantes pediu para levar as cartolinas para que mais pessoas pudessem escrever seus relatos. Entendemos essa iniciativa como um modo a mais de contribuir para o que estava sendo construído coletivamente, além de ser um voto de confiança entre pesquisadores e participantes.

Abaixo, as produções (com os nomes dos participantes omitidos):

1) “Como foi minha experiência na escola?”



“Bem, minha experiência na escola no início não foi nada legal foi muito difícil logo no meu início foi complicado de se aceitar pelo medo o preconceito era constante cheguei a ser agredida na minha própria escola não só eu mais minha amiga também a não ir pra escola e isso era constrangedor so que o tempo foi passando minha cabeça foi mudando eu ja nao tinha medo eu ja procurava forças pra enfrentar tudo aquilo que desde o começo passava. O tempo foi passando e hoje sou

menina trans (nome omitido) e tudo mudou hoje sou uma verdadeira mulher com força de vontade para enfrentar tudo mudei e foi uma das das melhores transformações da minha vida” (sic)

Minhas experiências na escola sempre foram boas nunca passei por nem um constrangimento.

“Minhas experiências na Escola sempre foram boas nunca passei por nem um constrangimento” (sic)

Eu sempre fui diferente, no meio Ambiente Escolar eu Amava onde eu podia me expressar Botar algumas ações em prática Onde eu não me sentia Bem, era quando eu precisava usar o Banheiro no masculino.

“Eu sempre fui diferente, no meio Ambiente Escolar eu Amava onde eu podia me expressar Botar algumas ações em prática Onde eu não me sentia Bem, era quando eu precisava usar o Banheiro masculino” (sic)

Bem, minhas na Escola Foi um pouco complicada pois na quele Tempo Os xingamentos eram pesados, Viadinhos, mulherzinhas é outros mais.

“Bem, minhas na Escola Foi um pouco complicada pois na quele Tempo Os xingamentos eram pesados, viadinhos, mulherzinhas é outros mais.” (sic)

→ Bem minha experiência na escola foi com meninos e fui bem Recebido por eles e por meninas e assim eles entenderam a minha personalidade. e depois Eu pode usar o banheiro feminino. e me sentir "mulher trans" e Professores também "Respeitaram" pelo meu nome [redacted] . feminina.

“Bem minha experiência na escola foi com meninos e fui bem Recebido por eles e por meninas e assim eles entenderam a minha personalidade. e depois Eu pode usar o banheiro feminino. e me sentir “mulher trans” e professores também “respeitaram” pelo meu nome feminina.” (sic)

2) Como me percebi e fui percebida pelo outro?”

Escola !
Desde sempre fui muito mulherzinha, e todos sempre me tratavam como: Oh a mulherzinha e tals, mas sempre foi de boa, mas tinham sempre uns garotos que ficavam tirando onda, fazendo muitas brincadeiras sem graça... [redacted]

“Desde sempre fui muito mulherzinha, e todos sempre me tratavam como: Oh a mulherzinha e tals, mas sempre foi de boa, mas tinham sempre uns garotos que ficavam tirando onda, fazendo muitas brincadeiras sem graça...” (sic)

→ EU FUI PERCEBIDA POR SER SEMPRE DIFERENTE DOS OUTROS MENINOS MAS AFEMINADO, POR NÃO ME INTERESAR EM ME INTURMAR COM ELAS.
DAI EU ME PERCEBI [redacted]

“Eu fui percebida por ser sempre diferente dos outros meninos mas afeminado, por não me interessar em me enturmar com eles.

E dai eu me percebi” (sic)

→ Eu me percebi quando mim apaixonei por um colega de classe e a professora chamou minha mãe pra falar, mas sempre fui afeminada. [redacted]

“Eu me percebi quando mim apaixonei por um colega de classe e a professora chamou minha mãe pra falar, mas sempre fui afeminada.” (sic)

1) DAI EU ME PERCEBI

Eu já cheguei na escola dado close, eu já percebia e sentia qui eu ai ser uma garota.
 → Eu me percebi quando num apaixonei por um colega de classe
 mas sempre fui

“Eu já cheguei na escola dado close, Eu já percebia e sentia qui eu ai ser uma garota.” (sic)

Como as pessoas me percebia e os olhares eram notório agente via o preconceito no olhar desde criança eu notava os professores, alunos, enfim criticas foram constantes o medo mais uma vez me dominava e os julgamentos eram toda hora. Como eu me percebia eu sempre notava algo diferente comigo meu jeito minha fala meu comportamento era notório sabe foi difícil pra mim no começo ate pra minha própria família eu tinha medo de falar o que realmente eu sou hoje eu me sinto livre hoje eu me aceito uma linda menina trans. Ass: [redacted]

“Como as pessoas me percebia e os olhares eram notório agente via o preconceito no olhar desde criança eu notava os professores, alunos, enfim criticas foram constantes o medo mais uma vez me dominava e os julgamentos eram toda hora. Como eu me percebia eu sempre notava algo diferente comigo meu jeito minha fala meu comportamento era notório sabe foi difícil pra mim no começo ate pra minha própria família eu tinha medo de falar o que realmente eu sou hoje eu me sinto livre hoje eu me aceito uma linda menina trans.” (sic)

3) “Que alianças pude formar dentro e/ou fora da escola?”

em dia eu já mudei essas pensamentos.
EU NUNCA FORMEI ALIANÇAS POIS MINHAS ALIANÇAS ERAM FORA DA ESCOLA POIS ESSES AMIGOS EU SABIA QUE PODIA CONTA IR TER O APOIO DE CADA UM!

“Eu nunca formei alianças pois minhas alianças eram fora da escola pois esses amigos eu sabia que podia contar ir ter o apoio de cada um!” (sic)

Bem alianças nunca formei porque sempre fui sozinha tinha poucos amigos os poucos que tinha eram do meu tipo quietos. Formei amizades mais não com a turma da pesada era o medo que tinha sabe eu era medrosa demais hoje em dia eu já mudei esses pensamentos.

“Bem alianças nunca formei porque sempre fui sozinha tinha poucos amigos os poucos que tinha era do meu tipo quietos. Formei amizades mais não com a turma da pesada era o medo que tinha sabe eu era medrosa demais hoje em dia eu já mudei esses pensamentos.” (sic)

Eu formei o meu proprio grupo, juntei um monte de meninas. Meu grupo se chamava as poderosa agente reinava essa foi a aliança qui eu consegue.

“Eu formei o meu proprio grupo, juntei um monte de meninas. Meu grupo se chamava as poderosa agente reinava essa foi a aliança qui eu consegue.” (sic)

Muitas alianças, apesar dos constrangimentos na Escola, foi o suficiente pra me encorajar mim fazer mais resistente ao preconceito.

“Muitas alianças, apesar dos constrangimentos na Escola, foi o suficiente pra me encorajar mim fazer mais resistente ao preconceito.” (sic)

AS ALIANÇAS QUE EU PROCURE AQUELAS PESSOAS POPULARES DA ESCOLA. ONDE EU VIR QUE ELAS NÃO SOFRIA PRECONCEITO, ENTÃO FOI AI QUE PROCURE ESSA PROTEÇÃO DELES AI VIR QUE AS PESSOAS QUE COMETIA PRECONCEITO PARO DE ME ATACAR! É

“As alianças que eu procure aquelas pessoas populares da escola. Onde eu vir que eles não sofria preconceito, então foi ai que eu procure essa proteção deles ai vir que as pessoas que cometia preconceito paro de me atacar!” (sic)

→ Dentro da escola me aliei a pessoas populares "RESPEITADAS" e isso fazia que os outros não me fizesse comentários maldosos porque no começo era bem frequente, no decorrer do tempo me tornei outra pessoa procuro sempre não me afetar pra aquilo não abalar meu emocional, minhas alianças da escola também se tornaram pra vida continuo amiga dos meus amigos. Sou grata por eles permanecerem comigo e sempre me defender.

"Dentro da escola me aliei a pessoas populares "RESPEITADAS" e isso fazia que os outros não me fizesse comentários maldosos porque no começo era bem frequente, no decorrer do tempo me tornei outra pessoa procuro sempre não me afetar pra aquilo não abalar meu emocional, minhas alianças da escola também se tornaram pra vida continuo amiga dos meus amigos. Sou grata por eles permanecerem comigo e sempre me defender." (sic)

da Escola!

→ Dentro da Escola criei aliança Com meninas e elas me apoiaram muito e me aconselharam eu ser Eu e foi dai que a [nome omitido] nasceu!

"Dentro da Escola criei aliança Com meninas e elas me apoiaram muitos e me aconselharam eu ser Eu e foi dai que a (nome omitido) nasceu!" (sic)

7. PRODUTO TÉCNICO

Os produtos técnicos fazem a ponte entre a Universidade e a sociedade. Da presente pesquisa surgem potentes formas de devolutivas sociais no formato de produtos técnicos, no entanto, delimitamos o formato da tecnologia social como forma mais precisa de se alcançar a mobilização e a visibilidade preconizadas durante a pesquisa na busca da transformação.

Para tanto, levando em consideração os requisitos de simplicidade, baixo custo, fácil aplicabilidade e replicabilidade, o projeto Zine Trans-formador funciona como uma cartilha-zine a partir do que foi produzido nas oficinas.

O zine é um gênero literário que permite aos co-autores a livre expressão em seu conteúdo através de colagens, poemas, fotos e escritos. O projeto Zine Transformador visa sensibilizar os olhares e ouvires para a potência da escolarização na vida de pessoas trans e travestis, para o caráter formador e transpessoal que os vínculos escolares fazem emergir na vida de um sujeito marginalizado.

O conteúdo do Zine Trans-formador é formado por Capa, apresentação, dedicatória, agradecimentos, um poema de autoria da poetisa sobralense Apeagá, introdução e os tópicos sobre transfobia: “o que é transfobia?”, “como a transfobia acontece na escola?”, “o que fazer quando presencio um episódio transfóbico?”, “a luta contra a transfobia precisa de aliados!”, “não confunda transfobia com homofobia!”. Conta também com um glossário e dicas de conteúdos para aprender sobre o tema.

A ideia é que esse conteúdo seja abordado na sala de aula sobralense, alimentando o debate sobre gênero, sexualidade e respeito às diferenças.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apagamento de corpos trans e travestis na escola, condensado pelo processo de evasão escolar, marca o silenciamento e a impossibilidade de viver e aprender com a diferença dentro de uma cultura de escolarização cisnormativa. A própria estrutura curricular, pedagógica e arquitetônica da escola produz a marginalização.

A evasão, dessa forma, não se trata de um fenômeno desligado de contexto, não é simplesmente a desistência ativa dos estudos ou da comunidade escolar. É, como pontua Lima (2021), vivência evadida em cada micro ato que rompe com a dignidade do convívio escolar, em um doloroso movimento de expulsão da diferença, do diferente.

Os relatos ouvidos no fazer desta pesquisa apontam para a necessidade de construir uma realidade diversificada na escola, que situe a cisgeneridade e a heterossexualidade como apenas uma das possíveis formas de experienciar o corpo, o gênero e a sexualidade – afinal, a transexualidade e a travestilidade marcam isso.

A possibilidade de aprender outros modos de conhecer e estar no mundo parte da necessidade de desmistificar o “destino biológico” dos órgãos sexuais e a complementaridade dos sexos na cultura heterossexual – tudo isso pode ser feito na escola, ampliando o debate sobre gênero e sexualidade, legitimando epistemologias LGBTs.

Há que se marcar, no entanto, que “mesmo com o nada feito, com a casa escura, com um nó no peito, com a cara dura” (BUARQUE, VELOSO, 1975), mesmo com toda a violência, diante de todos os impedimentos, os corpos trans e travestis existem e resistem. Encontram meios de se fazerem presentes, de requererem seus direitos. O Movimento Trans e Travesti de Sobral é ilustre exemplo desse feito e merece todos os louros de reconhecimento.

9. ENCAMINHAMENTOS

Como encaminhamento da pesquisa, propomos a distribuição da cartilhazine Trans-formador na Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Escola, CREDE 6, em Sobral-CE. Convidamos as participantes do Movimento Trans e Travesti de Sobral para apresentá-la à comunidade escolar da cidade, evidenciando a necessidade de discutir a transfobia no espaço escolar. Demarcando, assim, a criação de um espaço para que tal discussão seja realizada pelas pessoas diretamente afetadas pela transfobia.

10. REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Bruna G. “Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021”. Brasília: Distrito Drag, ANTRA, 2022.

BENTO, Berenice. “A reinvenção do corpo - Sexualidade e Gênero na experiência Transexual”. 3ª ed. Salvador: Editora Devires, 2017.

BORGES, Bianca. “Os muros da escola: Os desafios de jovens transgêneros para sobreviverem aos pátios e salas de aula no Brasil”. Tab UOL. 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/educacao/trans-escola/>

BUARQUE, Chico. VELOSO, Caetano. “A gente vai levando”. Rio de Janeiro: Phillips, 1975.

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo””. In: “O corpo educado: pedagogias da sexualidade.” Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade”. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

DUSSEL, Inés. “Sobre a precariedade da escola”. In: LARROSA, Jorge. “Elogio da escola”. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREITAS, Antonio Jerfson Lins de. SALES, Telma Bessa. Do pensamento à realidade: a construção dos territórios da violência em Sobral. In: XI ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL. 2017. Fortaleza.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

hooks, bell. “Anseios: raça, gênero e políticas culturais”. São Paulo: Elefante, 2019. Índice de Oportunidades da Educação Brasileira. 2021. Disponível em: <https://ioeb.org.br/municipio/sobral-ce/>

JANNUZZI, Paulo de Martino. A importância da informação estatística para as políticas sociais no Brasil: breve reflexão sobre a experiência do passado para considerar no presente. Revista brasileira de Estatística Pop., Belo Horizonte, 2018.

LIMA, Alef. “Tristeza, disforia e bem-estar: perspectivas etnográficas sobre a escolarização de Pessoas Trans”. Campos - Revista de Antropologia, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 33-48, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.” 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. “O corpo educado: pedagogias da sexualidade”. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MALFRÁN, Yarlenis; NÚÑEZ, Geni; LAGO, Mara Coelho. “Epistemicídio e necropolíticas trans”. Epistemologias do Sul, v.5, n.2, p. 92-113, 2021.

MORAES, Roque. “Análise de conteúdo.” Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n.

37, p. 7-32, 1999.

RAFFESTIN, Claude. "Por uma geografia do poder." São Paulo: Ática, 1993.

REZENDE, Maria José de. As metas educacionais como eixos articuladores dos relatórios do Desenvolvimento Humano da ONU. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 28, n. 04, p. 289- 316. Dez. 2012.

RIBEIRO, Djamila. "O que é: Lugar de fala?" Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

ROSA, Miriam D.; DOMINGUES, Eliane. "O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação". Psicologia & Sociedade; 22 (1): 180-188, 2010.

SECULT. Programa Estação Juventude. In: <https://cultura.sobral.ce.gov.br/projeto/354/#/tab=sobre>.

TRAD, Leny A. "Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde". In: Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [3]: 777-796, 2009.

WITTIG, Monique. "O pensamento hetero e outros ensaios". Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

11. ANEXO 1**Modelo de questionário****UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CAMPUS SOBRAL****PESQUISA: A ESCOLARIZAÇÃO DE PESSOAS TRANS E TRAVESTIS EM
SOBRAL-CE: UMA ANÁLISE DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA****Pesquisadora: Vanessa Cunha Santiago****QUESTIONÁRIO**

1) Idade: _____

2) Gênero: _____

3) Estudou em escola pública da rede municipal de Sobral-CE?

SIM NÃO

4) Se sim, em qual escola?

5) Em qual período estudou nesta escola? (Ex.: de 2012 a 2015)

6) Saiu da escola antes de concluir?

SIM, saiu da escola antes de concluir

Em que série saiu? _____

NÃO, concluiu a escola

Qual seu nível de escolaridade? _____

7) Caso tenha respondido SIM à questão anterior, por que motivo saiu da escola?

8) Caso tenha saído da escola antes de concluir, houve tentativa de contato da escola em algum momento?

9) Em que trabalha hoje?

MUITO OBRIGADA!